

## O futuro na perspectiva do adolescente trabalhador: uma análise representacional

*The future in the teenager's perspective: a representational analysis*

*El futuro desde la perspectiva del adolescente trabajador: un análisis representacional*

Fábio Junior Manzioli  
Universidade de Taubaté  
fabiojr81@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2390-4654>

Patrícia Ortiz Monteiro  
Universidade de Taubaté  
patricia.dortiz@professores.estacio.br

<https://orcid.org/0000-0002-2944-9050>

### RESUMO

No Estatuto da Criança e Adolescente - ECA (1990), considera-se adolescente a pessoa entre doze e dezoito anos de idade. De acordo com Serra (1997, p.29), “[...] há diversos mundos e diversas formas de ser adolescente”, e o modo como as relações e experiências são vivenciadas ao longo da vida, criam no indivíduo, uma identidade única. Este estudo tem como objetivo identificar as representações sociais sobre o futuro, na perspectiva do adolescente trabalhador. A pesquisa é de natureza aplicada, exploratória e tem abordagem qualitativa. Após o levantamento do perfil sociodemográfico dos sujeitos da pesquisa, realizou-se entrevistas semiestruturadas com vinte adolescentes, por meio do qual pode-se identificar suas crenças, percepções, atitudes e valores relacionados ao objeto do estudo. A análise dos dados foi realizada com o apoio do software IRAMUTEQ que gerou um dendrograma de classificação hierárquica descendente com cinco classes. Para fins desse artigo, apresenta-se a classe com maior grau de significância nos discursos dos sujeitos participantes, intitulada “Futuro” e onde foram inferidas representações do grupo de adolescentes. O estudo revelou representações sociais do futuro ancoradas na construção de sonhos, manifestadas num primeiro ato de “ser”, o que objetiva o “ter”, conceito que assenta-se flagrantemente numa construção “ideal” de um projeto de vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Adolescência; Representações Sociais; Trabalho; Futuro.

### ABSTRACT

*This study aimed to identify social representations about the future from the perspective of adolescents workers. This is an excerpt from a Master's thesis research in Human Development. Our approach here is applied, exploratory and qualitative. We conducted semi-structured interviews with twenty adolescents to identify their beliefs, perceptions, attitudes, and values related to the object of study. We also collect sociodemographic information. Data*

*analysis was performed with the support of the IRAMUTEQ software, which generated a Descending Hierarchical Classification dendrogram with five classes. In this article, we analyze the class with the greatest significance in the speeches of the participating subjects and call it the "Future". From this class, we inferred the representations of the group of adolescents. The study revealed social representations of the future anchored in the construction of dreams, manifested in a first act of "being", which aims at "having"; a concept that is based on an "ideal" construction of a life project.*

**KEYWORDS:** *Adolescence; Social Representations; Job; Future.*

## RESUMEN

*En el Estatuto del Niño y del Adolescente - ECA (1990), se considera adolescente a la persona que tiene entre doce y dieciocho años. Según Serra (1997, p.29), "[...] hay diferentes mundos y diferentes maneras de ser adolescente", y la forma en que se viven las relaciones y experiencias a lo largo de la vida, crean en el individuo una identidad. solamente. Este estudio tiene como objetivo identificar las representaciones sociales sobre el futuro, desde la perspectiva del adolescente trabajador. La investigación es aplicada, exploratoria y tiene un enfoque cualitativo. Luego de relevar el perfil sociodemográfico de los sujetos de la investigación, se realizaron entrevistas semiestructuradas a veinte adolescentes, a través de las cuales se pudo identificar sus creencias, percepciones, actitudes y valores relacionados con el objeto de estudio. El análisis de datos se realizó con el apoyo del software IRAMUTEQ, que generó un dendrograma de clasificación jerárquica descendente con cinco clases. Para efectos de este artículo, se presenta la clase con mayor grado de significancia en los discursos de los sujetos participantes, denominada "Futuro" y donde se infirieron representaciones del grupo de adolescentes. El estudio reveló representaciones sociales del futuro ancladas en la construcción de los sueños, manifestadas en un primer acto de "ser", que apunta a "tener", concepto que se basa claramente en una construcción "ideal" de un proyecto de vida.*

**Palabras clave:** *Adolescencia; Representaciones Sociales; Trabajo; Futuro.*

## Introdução

O trabalho de crianças e adolescentes no Brasil, vem, historicamente, mostrando-se como um fato corriqueiro no país, porém, este é um fenômeno recorrente e bastante controverso. Deste modo, nas últimas décadas, o trabalho precoce deixou de ser um fato social naturalizado e passou a ter um *status* de problema social (OLIVEIRA *et al.*, 2001).

O trabalho infanto-juvenil no Brasil é considerável. Dados exibidos pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2015) mostram que segundo o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA, 2015) o Brasil é um dos seis países com a maior taxa de estudantes entre quinze e dezesseis anos no mercado de trabalho, sendo que 43,7% dos adolescentes brasileiros declaram exercer alguma atividade remunerada em seu dia a dia.

Para Oliveira *et al.* (2001), é um comportamento comum entre pais e professores no Brasil, de que mantendo as crianças e adolescentes ocupadas, evita-se que elas se percam no submundo das drogas e outros problemas aos quais estão expostas.

Adolescentes são notavelmente sonhadores e idealizadores, sonhos estes, fundamentados em: aspirações, medos, desejos e esperanças. A partir disso, buscou-se compreender como o trabalho do adolescente afeta as representações sobre seu futuro, e se este fenômeno opera como um mecanismo de refutação ou de significação positiva.

O estudo aqui apresentado é um recorte de uma pesquisa de dissertação de mestrado realizada com adolescentes trabalhadores participantes do Programa Aprendizagem Profissional Comercial de uma instituição de ensino profissionalizante em um município do vale do Paraíba Paulista.

Parte-se da premissa segundo a qual, para a compreensão de uma dada realidade, é necessário identificar a maneira como os sujeitos sociais identificam, explicam e elaboram seu contexto. O produto desse processo são as representações sociais do futuro na perspectiva do adolescente trabalhador. Portanto, o conceito de representação social apresenta-se como elemento central neste estudo, reconhecendo, dessa forma, o conhecimento do senso comum que serviu de via de acesso para a identificação da faceta psicossocial da situação da educação e do trabalho dos adolescentes.

Para Alves-Mazzotti (2015) é estreita a relação entre representação e identidade, bem como o sentimento de pertença para o sujeito, sendo que a identidade é sempre constituída por meio da relação com o outro, por meio da diferença, podendo ser compreendida por meio do discurso.

## A Adolescência, a sociedade e o trabalho

No Artigo 2º do Estatuto da Criança e Adolescente - ECA (1990), considera-se adolescente a pessoa entre doze e dezoito anos de idade. De acordo com Serra (1997, p.29), “[...] há diversos mundos e diversas formas de ser adolescente”, e o modo como as relações e experiências são vivenciadas ao longo da vida, criam no indivíduo, uma identidade única.

Segundo Nunes e Teixeira (2007), na antiga Grécia, considerada como o berço da civilização ocidental, os adolescentes eram submetidos a um intenso treinamento e preparação, cujo objetivo seria prepará-los para os valores cívicos e militares. De acordo com Schoen-Ferreira (2010), casavam-se aos 15 ou 16 anos e via-se a fase da puberdade

como um período de preparação para os afazeres da vida adulta: para os homens, a guerra ou a política; para as mulheres, a maternidade.

Na Roma antiga, os adolescentes eram educados em casa pelos pais, sendo uma educação dirigida à prática, buscando formar noções de cidadania, agricultura e guerrilha. Aos 14 anos poderiam abandonar as vestes pueris, passando a ter o direito de realizar tudo quanto quisesse, cujo objetivo era integrar-se à sociedade adulta (SCHOEN-FERREIRA *et al.*, 2010).

Passando para a Idade Média, percebe-se o desenvolvimento humano entendido mais como um fenômeno quantitativo que qualitativo (GROSSMAN, 1998) onde as crianças e adolescentes eram consideradas adultos em miniatura (GARROD; SMULYAN; POWERS & KILKENNY, 1995). Dessa forma, assim que a criança superava o período de alto risco de mortalidade, logo era misturada com os adultos para aprender as tarefas, crenças e valores que seriam solicitados quando se tornavam adultos (GARROD & COLS., 1995; GROSSMAN, 1998).

Nessa mesma época, para adquirir uma profissão era necessário seu ingresso nas Corporações de Ofício. Estas Corporações eram divididas em três classes de trabalho: os mestres, donos das oficinas e responsáveis pelo resultado do trabalho e pelo ensino e desenvolvimento das habilidades dos aprendizes; os operários, que realizavam o trabalho e recebiam salários, e; os jovens aprendizes, enquanto tal, não recebiam salário (SCHOEN-FERREIRA *et al.*, 2010).

De acordo com Grossman (1998), a ideia do que atualmente conhecemos como adolescência já era imaginada no século XVIII, e estava associada às novas formas de viver em grupos sociais. E ainda, com a Revolução Industrial e o estabelecimento de sistemas de educação obrigatórios estabelecidos neste período, a adolescência, pôde, finalmente, ser mais observada.

Socialmente, fundamenta-se a concepção de que as crianças e os adolescentes devem ser disciplinados para se tornarem adultos. Fase da vida que se configura como um período de experimentação de valores, de papéis sociais e de identidades e pela ambiguidade entre ser criança e ser adulto, estando o jovem apto para a procriação, para a produção social e para o trabalho (SALLES, 2005, p.36-37).

Para Salles (2005), a adolescência na sociedade moderna corresponde “[...] a criança e o adolescente se socializam para se integrarem e se adaptarem à sociedade. Esse processo de socialização implica uma longa educação, com metas a longo prazo” (SALLES,

2005, p.37). Ao final, deve-se chegar ao autocontrole, autonomia e independência, características atribuídas aos adultos. As condutas de criança e de adolescência devem ser superadas.

A despeito disso, a literatura acerca da adolescência, vem apontando para um prolongamento da fase da adolescência e da juventude. Salles (2005) ressalta que no passado o ciclo de vida e suas “sequências” eram mais claras. Contudo, o alongamento da adolescência, que, entre outros fatores, está associado à falta de autonomia financeira, desemprego e ao prolongamento dos estudos, contribui para que permaneçam mais tempo com seus pais. Em recente publicação, a BBC<sup>1</sup> Brasil (2018) validou esta visão com o artigo intitulado “Adolescência agora vai até os 24 anos de idade, e não só até os 19, defendem cientistas”. Neste artigo, os editores apontam que os jovens de hoje estudam mais anos e, conseqüentemente, saem da casa de seus pais mais tarde. A média de estudo do brasileiro é de 7,8 anos. As mulheres saem de casa, em média, aos 23 anos, e os homens, aos 26. Apesar de muitas possibilidades legais da vida adulta começarem aos 18 anos, a adoção de algumas responsabilidades e do papel de adulto geralmente ocorre mais tarde (BBC, 2018).

Para a definição do tempo em que dura a adolescência, foi levada em consideração a percepção social acerca do que é “ser adulto” que inclui o casamento e a opção pela maternidade, cada vez mais tardia. Para Schoen-Ferreira *et al.* (2010) as mudanças introduzidas na vida moderna exigem, dos indivíduos desta faixa etária, mais tempo para o cumprimento das tarefas socialmente estabelecidas para a adolescência. Da mesma forma, observam-se mudanças no entendimento do que é adolescência.

## As Representações Sociais

A noção de representação social adotada nesse estudo tem origem no campo da psicologia e foi cunhado pelo psicólogo social francês Serge Moscovici em 1961 (JODELET, 1989).

As Representações sociais (RS) podem ser compreendidas dentro de uma perspectiva de saberes multidimensionais, permitindo questionar os fundamentos do conhecimento e sua vinculação indivíduo-sociedade. Dessa maneira, conduz-se a compreensão de que os “conhecimentos” não são uma simples descrição de fenômenos,

---

<sup>1</sup> Subsidiária da British Broadcasting Corporation no Brasil que atua como provedor mundial de notícias.

mas são produzidos nas interações humanas que emergem no mundo, sob a égide de circunstâncias, paixões humanas e interesses nos quais o grupo está engajado (CHAMON; LACERDA; MARCONDES, 2018).

Segundo Duveen (2000, p. 207), as representações sociais são uma “[...] tentativa de construir uma ponte entre o estranho e o familiar”. Para o autor, elas referem-se ao diálogo entre, ao menos, duas áreas, ambíguas à primeira vista: o senso comum e a ciência. Não obstante, a forma como as pessoas interpretam o mundo, de maneira ordinária como habitam-se às frivolidades do dia a dia, valendo-se da linguagem, conceitos, ideias e imagens, fundamentam suas representações e modificam seu comportamento.

Sua origem nasce dos estudos da Sociologia e Antropologia, como uma interpretação crítica aos conceitos de representação coletiva de Durkheim, uma vez que, para Moscovici, são demasiadamente abrangentes para resolver a complexidade da produção do pensamento social. Segundo Menezes (2017, p.22) o “[...] pensamento de Moscovici difere do entendimento de Durkheim no sentido de que acredita que as relações entre sociedade e cultura são interdependentes e contraditórias e não estáticas, como defendia Durkheim”.

Não existe representação social sem a preposição teórica da relação sujeito/objeto. Sá (1998) expõe que uma representação social é sempre de alguém (sujeito) sobre alguma coisa (objeto), fazendo-se necessário que para falar de representação de algum objeto especificar o sujeito e a população que a mantém. Da mesma maneira, para falar das representações de um dado sujeito social, é preciso especificar os objetos por ele representado.

Segundo Jodelet (2009), veio da Sociologia a contribuição de buscar as experiências vividas e os significados utilizados pelos indivíduos em suas condutas, por meio das quais as normas e valores sociais passam a ser integrados, objetivando-se sob forma de evidência cotidiana e de interiorização. A autora chama a atenção para o termo sujeito, que aparece com natureza conceitual, abstrata, cabe ao pesquisador “dar-lhe carne”.

Os elementos que fundamentam o modo como as representações sociais são elaboradas se denominam ancoragem e objetivação. Para Jodelet (1981) são esses dois processos que tratariam da elaboração e do funcionamento de uma RS, e sendo interligados, não há uma hierarquia entre os dois conceitos.

Ancoragem é um processo que transforma em categoria algo estranho e intrigante ao sujeito e compara esse objeto ao paradigma de uma categoria que se julga adequada, ocorrendo, dessa forma, uma classificação e nomeação com um nome familiar, como explica Moscovici (1984). Segundo o autor quando o vocábulo se ancora no vocabulário da vida cotidiana, torna-se socializado. A neutralidade não cabe nesse contexto, pois existem em cada objeto um ponto negativo e um positivo, a partir de uma hierarquia classificada e quando os objetos são classificados, os sujeitos revelam a sua “teoria” da sociedade e da natureza humana.

Segundo Moscovici (1984), objetivação, é um processo mais ativo que a ancoragem e é definida como aquilo que se torna concreto, real. É descobrir uma qualidade icônica de uma ideia e reproduzir um conceito em imagem. Assim como o inerte é assimilado ao viver, o objetivo é assimilado ao subjetivo. E, para o autor, as “[...] experiências e memórias não são nem inerte nem mortos. Elas são dinâmicas e imortais [...]”

Portanto, ancoragem e objetivação são mecanismos que permitem, igualmente, considerar o concreto e o abstrato das representações, pois o pensamento social remete aos eventos concretos da prática social e para ser comunicado, dever permanecer vivo na sociedade, “[...] ser um pensamento em imagem” (JODELET, 1989, p. 8).

Para Chamon e Chamon (2007) são os processos de ancoragem e objetivação que proporcionam a rigidez epistemológica ao objeto social e justificam a construção teórica da criação das representações sociais.

A TRS “[...] é uma proposta científica de leitura do conhecimento de senso comum e, nesse sentido, preocupa-se com o conteúdo das representações (CRUSOÉ, 2004, p. 107). Ela oferece, segundo o autor, amplas possibilidades de investigar a realidade educacional, numa perspectiva que contempla a compreensão individual e social, enquanto elementos que se interrelacionam. Compreender como as representações sociais embasam as ações dos indivíduos adolescentes trabalhadores possibilita a leitura da realidade e do seu futuro profissional.

## Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa caracterizou-se como descritiva e exploratória com abordagem qualitativa. A escola pesquisada possuía no momento da pesquisa 215 adolescentes e jovens nos cursos de formação teórico profissional, que visam o desenvolvimento de

competências e o aprimoramento pessoal e profissional de aprendizes que trabalham nas diversas áreas e departamentos de empresas parceiras da instituição.

Como instrumentos de pesquisa foram elaborados um questionário para o levantamento sociodemográfico dos sujeitos da pesquisa e entrevistas semi-estruturadas para análise das representações sociais dos jovens sobre o seu “futuro”.

O questionário foi enviado por meio do aplicativo *WhatsApp* e o link permitiu que todos os alunos acessassem o questionário de forma *on-line*. Dos 215 alunos matriculados no curso no momento da pesquisa, 202 responderam ao questionário.

Para tratar os dados colhidos por meio dos questionários, foi utilizado o sistema *Survey* da plataforma *Monkey*, sistema este capaz de desvelar estatisticamente os dados coletados. Este sistema propiciou a realização da análise quantitativa dos resultados do questionário aplicados junto aos adolescentes participantes do Programa Aprendizagem.

A entrevista semiestruturada foi realizada com 20 alunos aprendizes e composta por 12 perguntas, que versavam especificamente sobre o que os jovens pensam em relação a seu futuro, e que relação eles estabelecem entre o trabalho e o futuro. Os resultados destas entrevistas foram transcritos e tratados pelo *software* IRAMUTEQ. A partir dos resultados obtidos com o *software*, os conteúdos das entrevistas foram classificados e agrupados a partir da similitude dos discursos, em 5 classes.

Para fins deste artigo, foi objeto de análise apenas a classe denominada como classe “Futuro”. Na classe “Futuro” inferem-se representações sociais concernentes aos sonhos e desejos destes jovens quanto ao futuro, além do mais, esta classe permite uma melhor compreensão dos caminhos profissionais sonhados pelos entrevistados.

A análise de conteúdo foi realizada baseada em Bardin (1977) e a pesquisa foi realizada à luz da Teoria das Representações Sociais.

## Caracterização sociodemográfica dos sujeitos da pesquisa

Os dados sociodemográficos apresentam a caracterização dos sujeitos a fim de conhecer melhor aqueles que deram corpo as representações e auxiliam a interpretação deste trabalho quanto às características de gênero, faixa etária, escolaridade, renda familiar e trabalho na família

Em uma população total de 202 sujeitos, 119 (59,20%) declararam-se com o gênero feminino, 82 (40,80 %) declararam-se com o gênero masculino e nenhum se declarou com outro gênero, e um sujeito ignorou a questão. Numa primeira análise,

observou-se certa disparidade entre os sujeitos por gênero, constatou-se uma predominância do gênero feminino. Este resultado sugere que a relação de gênero encontrada na pesquisa acompanhe os da população brasileira e do município pesquisado. Os dados revelam que mulheres são maioria em relação a homens, segundo dados do IBGE (2015), “elas” são 51,48% da população brasileira, enquanto “eles” representam 48,52% da população. Já para o município pesquisado, esta proporção é de 50,93% de mulheres e de 49,07% de homens (ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL, 2010).

Quanto a predominância de aprendizes do gênero feminino chama a atenção ainda por outro aspecto, quando pesquisados apenas os adolescentes residentes no município da pesquisa, averígua-se que os homens são maioria, mais precisamente, 22.901 adolescentes do gênero masculino contra 22.072 do gênero feminino, com uma proporção 3,61% a mais de adolescentes do gênero masculino.

Os dados indicam, portanto, que a despeito de haver no município uma predominância de adolescentes meninos, na instituição de ensino pesquisada, há mais meninas inseridas no mercado de trabalho por meio do Programa Aprendizagem.

Contudo, similarmente, na pesquisa realizada por Ferreira (2014), ao levantar a categorização por gênero de aprendizes matriculados em uma instituição de ensino, a pesquisadora encontrou resultados muito próximos ao desta pesquisa. Nessa pesquisa, as “meninas” representavam 54,6% do total e os “meninos” 43,9%, bem como a pesquisadora afirmou que 1,4% não responderam a esta questão.

Com efeito, um componente que pode contribuir para a compreensão deste controverso ponto, vem do IBGE (2012, p.11), e aponta, por meio de sua Pesquisa Mensal de Emprego (PME), que, historicamente, das pessoas ocupadas com Carteira de Trabalho assinada, por grupamentos de atividade, segundo o sexo, as mulheres são maioria no segmento do comércio, fato que chama atenção, posto que seja este o principal seguimento de atuação dos aprendizes pesquisados.

Quanto a idade dos aprendizes, lembrando que a Lei 10.097, Lei da Aprendizagem, permite apenas a contratação de adolescentes e jovens entre 14 e 24 anos pelas empresas, com contratos de trabalho que podem durar de um a dois anos. Assim, para esta pesquisa, a variação da idade dos sujeitos, está circunscrita na janela temporal mencionada acima.

A média de idade dos adolescentes à época da aplicação do questionário era de 17 anos, com um desvio padrão de 8,92%. Mais especificamente, 47 (23,27%) tinham 17

anos, 46 (22,77%) disseram ter 19 anos ou mais, 42 (20,79%) tinham 18 anos, 39 (19,31%) tinham 16 anos e 28 (13,86%) tinham 15 anos.

No que diz respeito à escolaridade, alguns pontos chamam especial atenção: o primeiro é a quantidade de aprendizes que estão cursando ou já concluíram, o ensino superior. Dos 202 respondentes, 48 (23,76%) se enquadram nesta situação, perfazendo quase um quarto do total dos entrevistados pesquisados. Algumas indagações sobre estes resultados podem ser feitas, principalmente, tendo em vista o cenário educacional brasileiro. Segundo dados do Fórum Nacional de Educação (2011), a média de anos de estudo da população brasileira, de 15 anos ou mais de idade, não ultrapassa os 8 anos, ficando em 7,7 anos dedicados à educação e esta média melhora um pouco quando analisadas as pessoas entre 18 e 24 anos, com uma média de 9,5 anos estudos.

Os números sobem quando apresentados apenas os dados da Região Sudeste, deste modo, para as pessoas com 15 anos ou mais de idade, o resultado é de 8,3 anos dedicados à educação, e para os sujeitos entre 18 e 24 anos da mesma região, o número é elevado para 10,1 anos de ensino.

Ao somar os anos de estudo dos egressos do ensino superior aos anos de estudo dos estudantes do mesmo período, encontra-se uma média de 15 anos. Os dados demonstram, portanto, que os estudantes pesquisados têm um nível elevado de anos dedicados à educação, ou aproximadamente 32,66% anos a mais de estudo comparado à média.

Quanto a renda familiar ao serem inquiridos sobre este fator, a maioria dos respondentes têm renda familiar média de um a dois salários mínimos (entre R\$954,00 e R\$1.908,00). Os dados completos são: 94 (46,53%) têm renda de um a dois salários; 57 (28,22%) têm renda entre dois e três salários (entre R\$1.908,00 e R\$2.862,00); 29 (14,36%) têm renda de até um salário (no máximo R\$954,00), e por fim, 22 (10,89%) disseram ter renda familiar acima de quatro salários mínimos (mais que R\$3.816,00). Os resultados apurados mostram que mais da metade dos aprendizes tem renda familiar de no máximo dois salários mínimos (R\$1.908,00), dos 202 (100%) participantes da pesquisa, 123 (60,89%) estão nesta faixa de renda familiar.

Nota-se, portanto, que a maioria dos adolescentes são pertencentes à classe C (baixa renda), que segundo Critérios de Classificação Econômica Brasil (ABEP, 2016), a renda familiar média desta Classe varia de R\$1,625,00 a R\$2.705,00, o que demonstra

inicialmente que a família tem certo grau de dependência do salário do menor, posto que estes incluíram seus rendimentos ao responder à questão relativa a renda familiar.

Um elemento fundamental na análise sociodemográfica dos sujeitos desta pesquisa é a definição da quantidade de pessoas que trabalham na residência. Este dado recebe especial atenção, posto que os próprios respondentes sejam trabalhadores e recebem rendimentos mensais como aprendizes, assim, as informações demonstram a participação da renda destes adolescentes nas despesas da casa, podendo indicar um determinado grau de vulnerabilidade socioeconômica da família.

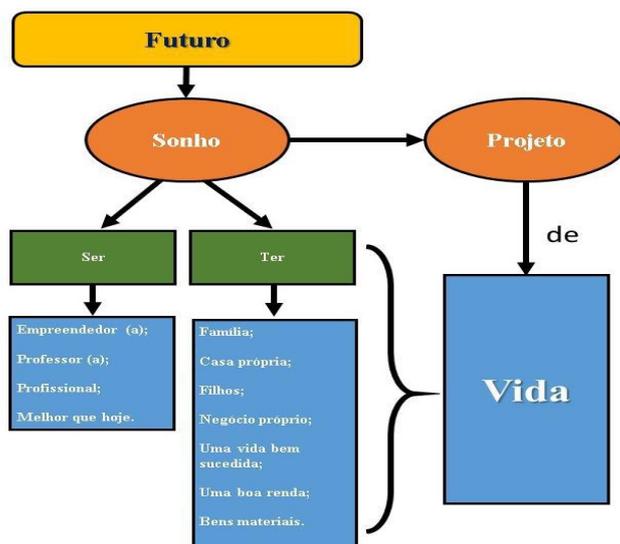
### **Análise da Classe “Futuro”**

A classe categorizada de “Futuro” se destaca das demais por obter a maior representatividade (23,7%) dos segmentos de textos dos discursos dos sujeitos e por inferirmos nessa classe representações sociais dos sujeitos da pesquisa. Esta classe carrega em si um viés de “destino”, sonho e futuro, algo idealizado, que se pretende atingir por meio do trabalho, e ainda, esta classe se apresenta em separado das demais, pois ela trata de elementos abstratos, ainda em “incubação”, diferente dos demais, que são presentes e concretos na vida dos entrevistados.

Por seu turno, nesta classe, destacam-se as palavras: futuro, sonho, família, administração e profissional, as quais aparecem 34, 14, 12, 12 e 9 vezes respectivamente, sendo elas as palavras com maior aderência às representações dos sujeitos. Esse conjunto de palavras estão relacionadas aos anseios e aspirações dos aprendizes entrevistados. Nota-se, aliás, a presença de substantivos sóbrios, como: sonho, vida, futuro, família e projeto; todos estes termos, são carregados de valor e simbolismo, seja por suas nuances socioculturais ou valorativas, que externam uma representação social ancorada em valores morais que encontram ressonância em concepções imagéticas comuns no meio social.

Também se encontram verbos no infinitivo, tais como: tornar, construir, casar, conquistar. verbos estes, que por sua natureza impessoal, não indicam temporalidade específica, mostrando em seu estado puro, apenas concepções e conjecturas subjetivas. Contudo, advogam a seus locutores, uma representação icônica e idealizada do que há de vir: casar-se, conquistar seus objetivos, construir uma carreira, ou tornar-se bem-sucedido, são algumas das falas mais comuns encontradas.

A análise nos leva para uma concepção idealizada de futuro apresentada na Figura 1, que se constrói com os sonhos, e que estes, por sua vez, manifestam-se num primeiro ato de “ser”, o que pavimenta a concretização do segundo ato, o “ter”; conceito que se alicerça numa construção “ideal” de um projeto de vida.



**Figura 1** – Mapa conceitual da classe Futuro

**Fonte:** Autores, 2018.

Ainda, importa registrar que as representações de futuro, não podem ser compreendidas apenas por um viés cognitivo e específico de um indivíduo, ao contrário, estas representações são fortemente influenciadas pela fase do ciclo vital que os adolescentes estão passando, assim, como pelo ambiente e cultura dominante na qual o indivíduo está inserido.

Tais concepções corroboram Carvalho, Pocinho e Silva (2010), que salientam que tanto o futuro quanto sua representação são elementos centrais da vivência psicológica de cada indivíduo. Assim, a forma pela qual as pessoas engendram seu futuro relaciona-se frontalmente com o estabelecimento de suas metas, seu planejamento e por consequência em seu comportamento e tomada de decisões. Deste modo, “[...] o futuro tem significados de antecipação cognitiva, afetiva e social em certos domínios da vida como trabalho, escola e relações sociais” (SILVA, 2014, p. 117), exatamente o contexto dos sujeitos desta pesquisa.

Outra conexão encontrada na pesquisa de Silva (2014), revela-se no fato de que os resultados auferidos em sua pesquisa, demonstram uma tríade valorativa concernente ao futuro. Assim, segundo a autora, os sujeitos de sua pesquisa buscam terminar os estudos/fazer um curso superior (primeiro ato), para então, constituir família/casar e ter filhos (segundo ato), e finalmente, arrumar um trabalho/ter sucesso profissional, que na visão da autora, são “[...] recorrentes nos conteúdos das representações de futuro entre adolescentes e ancora-se na representação dos atributos que são valorizados socialmente e que adultos considerados bem-sucedidos possuem” (SILVA, 2014, p.117). Isto fica claro no discurso do Aprendiz 18.

[...] tornar uma empreendedora bem-sucedida, [...] desde que entrei no Programa Aprendizagem, novas vertentes foram se abrindo no horizonte, totalmente diferentes do que eu imaginei encontrar, [...] o empreendedorismo se mostrou muito grande e vasto, todos os professores como também os colegas [...], discutimos bastante sobre essas habilidades administrativas e tecnológicas, e isso nós vamos levar até o final do curso e tenho certeza de que isso vá encaminhar para que tudo dê certo. (APRENDIZ 18, MULHER).

Como visto, o discurso acima, revela uma representação idealizada, mediatizada por valores, símbolos e crenças provenientes de uma construção social predominante. Aliás, tais concepções imagéticas sobre o futuro, diametralmente vinculadas ao paradigma da meritocracia, carecem de uma análise intercultural e histórico-sociológica, para melhor compreender à gênese destas representações.

Em questão de expectativas no mercado de trabalho, Fernandes (2008, p. 95), que pesquisou o trabalho de adolescentes aprendizes, evidencia que os adolescentes “[...] têm uma percepção clara e bem definida das competências e habilidades que são exigidas para sua inserção no mercado laboral, bem como a importância do estudo como requisito básico para o ingresso no trabalho”, de forma equivalente, o Aprendiz 10 mencionou que em seu depoimento que

[...] a gente entra lá (empresa) com expectativas, mas eu acho que a empresa precisa ver isso entendeu... acho que a empresa precisa ver que você quer crescer, você quer ter um plano de carreira dentro da empresa, por isso que você está **estudando**, é por isso que você está trabalhando, está **buscando crescer** (APRENDIZ 10, HOMEM, grifo nosso).

Assim, a preocupação com o futuro a partir da visão deste jovem está em consonância com o apresentado por Fernandes (2008), visto que, o jovem demonstra compreender que o estudo é condição *sine qua non* para o crescimento profissional. Ademais, outros relatos das entrevistas, sinalizam que os adolescentes aprendizes buscaram o trabalho, com vistas a desenvolverem experiências, arguindo novos aprendizados sobre profissões que, por ventura, queiram seguir no futuro, além de relatos que revelam que apenas pela remuneração auferida pelo trabalho, poderiam dar continuidade em seus estudos, como faculdades por exemplo, afim de garantir uma melhora em sua condição de vida futura.

Não obstante, as concepções e falas ora apresentadas, referindo-se ao trabalho como uma oportunidade para um futuro melhor, demonstram um traço de representação social do trabalho para os adolescentes que:

[...] se ancora em elementos sociais do valor moral do trabalho que encontra eco em ditos populares como “Deus ajuda, quem cedo madruga”, trazendo a ideia de que o esforço realizado na adolescência (pela dupla jornada trabalho-estudo) será recompensado no futuro, com a possibilidade de cursar uma faculdade e de conseguir um bom emprego. (OLIVEIRA, 2014, p.120).

Corroborando Oliveira (2014), a ancoragem acima citada é a diretriz do discurso dos entrevistados deste estudo. Os discursos dos sujeitos permeiam com o sonhar com um futuro que perpassa pelo ato de ser: “[...] eu gostaria de **ser** mecânico-aeronáutico esse é meu grande sonho” (APRENDIZ 9, HOMEM, grifo nosso), ou então, “[...] eu sei que eu quero ter meu negócio, eu quero **ser** uma empreendedora, eu sei que eu quero conquistar isso na minha vida” (APRENDIZ 13, MULHER, grifo nosso), ou ainda, “[...] eu sonho em **ser** um professor de jiu-jitsu” (APRENDIZ 17, HOMEM, grifo nosso). Estes relatos revelam uma vez mais, esta construção idealizada de futuro que principia-se em “ser” efetivamente “alguém”.

Neste sentido, estes sujeitos não apresentam uma representação social do trabalho apenas como um meio pelo qual conseguem seu retorno financeiro, ou pela importância produtiva que sua labuta representa, mas em verdade, como atributo que os tornam cidadãos com espaço na sociedade. É no trabalho e por meio dele que os aprendizes são reconhecidos, e constroem sua identidade, tal realidade é respaldada em Erikson (1987, p.330), que afirma que a formação da identidade, passa pela “[...] escolha profissional,

portanto, é formadora da identidade do jovem, o qual estrutura sua vida a partir dos compromissos ideológicos, pessoais e laborais que assume”.

Segundo Santos (2011, p. 219), “a identidade é construída no intenso trânsito entre a individualidade e os mergulhos sociais”. Neste sentido, o adolescente ao trespassar a barreira da infância, tem pela frente, portanto, uma incursão (um mergulho), num mundo que lhe cobrará atitudes, valores e responsabilidades. Afeição pelo trabalho, talento, vocação entre outras representações proeminentes no mundo emergente a sua frente, o mundo adulto.

Não obstante, estes adventos, por consequência, acarretam o segundo ato, o ter. Quanto a este segundo ato, o fragmento a seguir revela que o Aprendiz segue a seguinte construção: “[...] o meu sonho é **ser** veterinária, mas eu também sonho em **ter** a minha casa própria, um carro e não depender de ninguém (APRENDIZ 15, HOMEM, grifos nossos).

Com efeito, ainda outros relatos revelam a importância das conquistas materiais, conquistas estas características da vida adulta. O Aprendiz 2, mulher, diz querer “[...] ter filhos construir uma família e passar todos os ensinamentos que eu tive para eles”, já em outro relato o Aprendiz 4, homem, relata que: “[...] eu quero ter uma boa família como todo mundo uma boa estabilidade financeira”, e por fim, o Aprendiz 14, mulher, afirma querer “[...] ter a minha casa, me casar, ter minha família, meus filhos, ter uma boa renda, ter uma vida boa, dar tudo de bom e melhor pros meus filhos, as coisas que eu não tive eu quero dar o melhor para eles, e quero ter uma vida bem sucedida”. Deste modo, as investigações das representações sociais sobre o trabalho, colocam o objeto trabalho em uma condição muito importante nas representações sobre o futuro, permitindo uma avaliação de que em suas representações, há uma justaposição entre estudo e trabalho como condição precípua para um futuro bem-sucedido.

Assim, percebe-se que o futuro é algo idealizado, isto é, eles não arbitram o futuro a partir da realidade concreta do presente, mas sim, sobre o sonho futuro da felicidade.

## Considerações Finais

Perceber as representações sociais como produções subjetivas foram fundamentais para compreender a realidade social dos adolescentes trabalhadores e suas expectativas para o futuro, uma vez que elas expressam realidades sociais que não se esgotam em sua expressão discursiva (MÍTJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2006).

Com efeito, há um padrão estruturante nas relações que organizam as representações sociais dos sujeitos; a esfera subjetiva e a esfera objetiva. Deste modo, foram observadas representações sociais sobre as perspectivas futuras para os adolescentes calcadas em elementos como: futuro, sonho, família, administração e profissional. Assim, estas representações, estão eminentemente ligadas ao por vir; atadas aos anseios e aspirações dos adolescentes entrevistados, advogando a seus locutores, uma representação icônica e idealizada, ora veja; com efeito, casar-se, conquistar seus objetivos, construir uma carreira, ou tornar-se bem-sucedido, são alguns dos arquétipos mais comuns encontrados nas representações sociais dos adolescentes.

Desta feita, foi possível averiguar que, o modelo conceitual das representações sociais destes sujeitos, advertem para uma concepção idealizada de futuro, ancorada em uma representação social, de que, o futuro se constrói com os sonhos, e que estes, por sua vez, manifestam-se num primeiro ato de “ser”, o que pavimenta a concretização do segundo ato, o “ter”; conceito que assenta-se flagrantemente numa construção “ideal” de um projeto de vida. O “ser” e o “ter” são complementares.

Concernente aos elementos de legitimação, ou de refutação do trabalho como fator de um futuro idealizado e vinculado a elementos positivos, a meritocracia aparece como fator subjacente a este futuro idealizado, uma vez que é pelo esforço e dedicação individuais que se progride na vida. E por seu turno, configura-se como o cerne destas representações sociais, uma construção idealizada, romantizada, repleta de valores, símbolos e crenças provenientes da construção social predominante.

## Referências

ABEP - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA. Brasil. Ministério do Planejamento (Org.). **Critério Brasil 2015 e atualização da distribuição de classes para 2016**. Brasília, 2016.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. **Demografia e Saúde**: População. 2010. Disponível em: <[http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil\\_m/taubate\\_sp](http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/taubate_sp)>. Acesso em: 18 mar. 2018.

BARBOSA, Lúvia. Meritocracia à brasileira: o que é desempenho no Brasil? **Revista do Serviço Público**, Rio de Janeiro, v. 120, n. 3, p.58-102, out. 1996. Quadrimestral.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Editora 70, 1977. 229 p. Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro.

BARRETO, Fernando Antonio Reale. **A EFETIVIDADE DA IGUALDADE E O SISTEMA DE COTAS EM CONCURSO PÚBLICO**. 2017. 42 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pós-graduação em Direito, Ciências Jurídicas, Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Direito - Compedi, Florianópolis, 2017.

OECD. **Programme for International Student Assessment (PISA)**. 2015. Disponível em: <https://www.oecd.org/pisa/PISA-2015-Brazil-PRT.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2017.

CARVALHO, Karla Maria Paiva de; CHAMON, Edna Maria Querido de Oliveira. Representação social do risco: um estudo na indústria siderúrgica / Social representation of risk. **Psicologia e Saber Social**, [s.l.], v. 1, n. 1, p.140-148, 1 jun. 2012. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2012.3252>.

CARVALHO, Renato Gil; POCINHO, Margarida; SILVA, Carla. Comportamento adaptativo e perspectivação do futuro: algumas evidências nos contextos da educação e da saúde. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [s.l.], v. 23, n. 3, p.554-561, 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79722010000300016>.

CAVEDON, Neusa Rolita. **As representações sociais dos universitários sobre o trabalho**. In: Encontro CHAMON, Edna Maria Querido de Oliveira. Representações sociais da formação docente em estudantes e professores da Educação Básica. **Psicologia Escolar e Educacional**, [s.l.], v. 18, n. 2, p.303-312, ago. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2014/0182751>.

CHAMON, Edna Maria Querido O. Representação social da pesquisa e da atividade científica: um estudo com doutorandos. **Estudos de Psicologia**. v.12, n.1, p.37-46, jan. /abr. 2007.

ERIKSON, Erik H. 1987. **Infância e sociedade** (G. Amado, Trad.) (2ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar Editores (Trabalho original publicado em 1950).

FERNANDES, Ângela Cristina Puzzi. **O TRABALHO DO ADOLESCENTE COMO APRENDIZ NA CIDADE DE CAMPINAS, ESTADO DE SÃO PAULO**. 2008. 141 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Doutorado em Enfermagem, Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2008.

FERREIRA, Andréa Cristina Oliveira. **A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO PARA ADOLESCENTES TRABALHADORES**. 2014. 198 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Desenvolvimento Humano, Ciências Humanas, Universidade de Taubaté - Unitau, Taubaté, 2014. Cap. 12081300.

Fórum Nacional de Educação. Ministério da Educação. **Educação Brasileira: Indicadores e desafios**. Brasília: Cibec, 2011. 95 p.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 220 p. ISBN 978-85-224-5142-5.

GIORDANO, Blanche Warzée. **(D)eficiência e trabalho: analisando suas representações**. São Paulo, Annablume:FAPESP, 2000. 168p.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luís. (2003). **Sujeito e subjetividade: Uma aproximação Histórico-cultural**. São Paulo, SP: Pioneira Thompson.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luiz. (2003). *Sujeito e subjetividade: Uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo, SP: Pioneira Thompson.

IBGE. **Pesquisa Mensal de Emprego - PME: MULHER NO MERCADO DE TRABALHO: PERGUNTAS E RESPOSTAS**. 2012. Disponível em:  
<[https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme\\_nova/Mulher\\_Mercado\\_Trabalho\\_Perg\\_Resp\\_2012.pdf](https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp_2012.pdf)>. Acesso em: 19 mar. 2018.

JODELET, Denise. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**, [s.l.], v. 24, n. 3, p.679-712, dez. 2009. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69922009000300004>.

JODELET, Denise. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**, [s.l.], v. 24, n. 3, p.679-712, dez. 2009. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69922009000300004>.

MÁXIMO, Mario Motta de Almeida. As limitações do conceito de autonomia no liberalismo. **Oikos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 14, p.59-67, jul. 2015. Semestral.

NASCIMENTO, Eliane de S.; MIRANDA, Therezinha Guimarães. O trabalho e a profissionalização das pessoas com deficiência. Revista da FAGED. Salvador, v. 12, n. 12, 2007. p. 169 – 184. Disponível em <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rfaced/article/view/2761/1949>. Acesso em 17 de fevereiro de 2010.

OLIVEIRA, Denise Cristina de et al. Futuro e liberdade: o trabalho e a instituição escolar nas representações sociais de adolescentes. **Estudos de psicologia**, v. 6, n. 2, p. 245-258, 2001.

RANGEL, Mary. Ensaio sobre aplicações didáticas da teoria de representação social. **Olhar de professor**, v. 10, n. 2, 2009.

SANTOS, Moises Lucas dos. **ARTE-EDUCAÇÃO, ADOLESCÊNCIA E IDENTIDADE: reflexos a partir do registro imagético**. 2011. 333 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Educação, Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

SÊGA, Rafael. O conceito de representação social nas obras de Denise Joselet e Serge Moscovici. **Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, Porto Alegre, v. 1, n. 13, p.128-133, jul. 2000. Disponível em: [http://www.academia.edu/1453759/O\\_conceito\\_de\\_representação\\_social\\_nas\\_obras\\_de\\_Denise\\_Joselet\\_e\\_Serge\\_Moscovici](http://www.academia.edu/1453759/O_conceito_de_representação_social_nas_obras_de_Denise_Joselet_e_Serge_Moscovici). Acesso em: 23 fev. 2018.

SILVA, Marcos Antonio Batista da; NETO, João Clemente de Souza. **Inserção no mundo do trabalho: percepção do adolescente do ensino médio**. 2012.

SILVA, Rafael Celestino da; FERREIRA, Márcia de Assunção. CONSTRUINDO O ROTEIRO DE ENTREVISTA NA PESQUISA EM REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: COMO, POR QUE, PARA QUE. **Esc Anna Nery**, Rio, v. 3, n. 16, p.607-611, jul. 2012. Trimestral.

SILVA, Renata Danielle Moreira. **Inserção em programas de aprendizagem profissional**: Análise da formação das representações sociais de trabalho e de trabalho na adolescência a partir do relato das experiências de adolescentes aprendizes. 2014. 304 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós- Graduação em Psicologia, Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

SILVEIRA, Daniel; CAVALLINI, Marta. **Desemprego fica em 13,3% em maio e atinge 13,8 milhões**. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/desemprego-fica-em-133-no-trimestre-encerrado-em-maio.ghtml>. Acesso em: 25 jul. 2017.

STENGEL, Márcia; TOZO, Stella Maria Poletti Simionato. Projetos Afetivo-Sexuais por Adolescentes e seus Pais. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del-rei, v. 1, n. 5, p.72-82, jul. 2010. Semestral. Disponível em: [https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/volume5\\_n1/stengel\\_e\\_tozo.pdf](https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/volume5_n1/stengel_e_tozo.pdf). Acesso em: 25 abr. 2018.

TOMASELLI, Tatiana Renaux. A psicologia do mercado acionário: representações sociais de investidores da BOVESPA sobre as oscilações dos preços. **Estudos de psicologia**, v. 12, n. 3, p. 275-283, 2007.

VELOZ, Maria Cristina Triguero; NASCIMENTO-SCHULZE, Clélia Maria; CAMARGO, Brigido Vizeu. Representações sociais do envelhecimento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [s.l.], v. 12, n. 2, p.479-501, 1999. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79721999000200015>.

**Revisores de línguas e ABNT/APA:** Prof. Me. Joel Abdala.

**Submetido em 07/02/2019**

**Aprovado em 26/01/2022**

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)